

INSTITUTO CULTURAL

---

# Lux et Sapientia

## **Os Santos que Abalaram o Mundo**

Santo Antão

Professor Luiz Gonzaga de Carvalho Neto.

Aula de 25 de novembro de 2007.

Transcrição feita por Stephanie Podbevsek Ferro.

[www.icls.com.br](http://www.icls.com.br)

# Parte I

Professor: A importância de Santo Antônio na história do cristianismo é devida a quatro fatores principais.

O primeiro é um fator que pode parecer estranho para quem está acostumado com a escolástica, que foi a total rejeição do pensamento grego. Os pais dele já o afastaram disso, e ele manteve essa atitude a vida toda. Isso foi extremamente importante, pois tornou a estrutura da Igreja independente do ambiente cultural da época.

A rejeição da cultura grega não é exatamente uma rejeição de Aristóteles e Platão, porque nessa época os escritos de Aristóteles eram praticamente não estudados, mas era uma rejeição da cultura grega tal como ela existia naquele momento. Naquele momento, os círculos de leitura no Egito e no Império Romano eram profundamente gnósticos. A cultura grega era sinônimo de gnosticismo. Esse foi um ponto crucial porque os grandes santos até a época de Santo Antônio, eram todos pessoas de bastante cultura, então isso associava a capacidade de entender o cristianismo com um certo preparo cultural.

Entre os séculos II e III da era cristã, a maior parte dos grandes santos eram pessoas de cultura e Santo Antônio é completamente diferente porque ele era completamente inculto. Então, o exemplo dele marca a história do cristianismo na forma de que o pensamento cristão é independente do pensamento anterior. Para você entender e viver o cristianismo, você não precisa do pensamento anterior. O cristianismo não está construído sobre o pensamento grego, ele é independente. Isso vai parecer pouco, mas o fato é que nessa época proliferaram muitas heresias cristãs de tipo gnóstico, e todas elas por influência do pensamento neoplatônico. Nessa época, o cristianismo correu um sério risco de perecer e só se tornando independente do ambiente neoplatônico, do ambiente grego é que ele pode se manter.

O segundo aspecto importante é justamente o símbolo que ele foi para a vida monástica. Segundo consta existem monges no cristianismo desde a época apostólica, mas eles eram muito raros e pouco se sabe acerca da vida deles. Santo Antônio foi o primeiro monge cuja vida foi conhecida por muitos e que passou instrução espiritual ainda em vida para muitos discípulos. A vida monástica foi importante aí porque a multidão cristã já era muito grande na época de Santo Antônio, já existiam cidades inteiras em que todo mundo era cristão.

A essência do cristianismo já corria o risco de se diluir num conjunto de costumes. Para eles, ser cristão era simplesmente fazer isso e não fazer aquilo. O sentido da salvação cristã se diluía e se transformava em costumes consolidados.

Quando Santo Antônio vai para o deserto e fala que a única coisa que importa é Deus e chegar a ele, isso faz todos recordarem do que é cristianismo. Embora durante a vida dele tenha havido uma onda de perseguição muito grande, as perseguições nessa época já diminuíram cada vez mais, já tendiam a ser mais locais. Em muitos lugares o sujeito já não era mais perseguido por ser cristão e a ameaça do martírio era sempre algo que servia como elemento de purificação na comunidade cristã. Os primeiros cristãos eram pessoas de fibra moral muito forte, porque ser cristão era sinônimo de estar condenado à morte. Já na época de Santo Antônio não era mais assim, então a vida monástica cria um novo tipo de martírio.

O terceiro ponto, e esse é mais importante do que os dois primeiros, foi o papel dele no combate ao arianismo.

Não sei se na vida de Santo Antônio que vocês leram está explicado o que é o arianismo. Ário era um bispo que defendia a doutrina de que Cristo não era Deus, era um homem de um tipo especial que tinha alcançado o status divino, mais ou menos semelhante ao Buda, era um homem eleito pela providência e que ascendeu a um estado divino, e não o verbo feito carne. Isso é uma distorção essencial do cristianismo.

O cristianismo tem dois pilares fundamentais, um é a divindade do Cristo, de que o Cristo é o verbo encarnado, e o outro é a ressurreição da cruz. A negação de uma

dessas duas teses corrompe completamente a fé do sujeito. Ele [Ário] convenceu um número muito grande de bispos dessa doutrina. Na época de Santo Antão a maior parte dos bispos era ariana. Então, o cristianismo, de fato, correu risco de perecer por causa disso. E Santo Antão teve um papel especial na defesa da doutrina ortodoxa. Embora isso tenha sido algo importantíssimo na história, o elemento crucial na vida de Santo Antão, que fez a máxima diferença na história do Cristianismo, foi a síntese que ele fez dos métodos espirituais cristãos até então.

Quando Santo Antão decide se afastar da sociedade, ele passa meses e meses procurando as pessoas mais santas que ele pode encontrar e com cada uma delas ele tenta coletar o ensinamento de como elas chegaram ali. Nessa época, os ensinamentos orais dos apóstolos ainda estavam muito vivos, uma boa parte da comunidade ainda tinha conhecimento daquilo que não foi passado por escrito, que eram justamente as técnicas de santificação. O que o Cristo ensinava para os apóstolos não foi passado por escrito. Os apóstolos foram ensinando isso, de geração em geração só por uma transmissão oral e esses ensinamentos estavam espalhados por toda a comunidade.

O que Santo Antão faz é coletar esses ensinamentos, reunir na pessoa dele e sintetizar em métodos muito simples. Além de sintetizar, ele põe em prática esses métodos, e evidentemente atinge um grau de santidade praticamente incomparável, e transmite esses ensinamentos para centenas de pessoas. Esses ensinamentos foram, mais ou menos cento e cinquenta anos depois, coletados por um outro grande santo, que é São João Cassiano.

São João Cassiano já vive numa época em que não existe perseguição contra o cristianismo. Ele vê que o ensinamento cristão na sociedade em geral já está completamente perdido. Então ele decide ir para o deserto, não virar um monge, mas para entrevistar os grandes abades de mosteiros. Ele vai entrevistando e anotando por escrito e todos esses abades conseguem retrair esse ensinamento até Santo Antão.

O método de Santo Antão era basicamente muito simples e consistia em três exercícios e uma técnica.

Ele dizia que a religião é constituída de três coisas: a) oração

b) jejum

c) esmola.

Esses são os três pilares pelos quais se sustenta a sua religião. Exercitar-se nessas três coisas é indispensável para um desenvolvimento na vida religiosa. Mas você não vai conseguir obter nenhum fruto espiritual se você não tiver disciplina espiritual.

A disciplina espiritual consiste em fazer nascer o homem interior.

Em que consiste o homem interior?

Observe a relação entre o homem e a natureza. Vamos considerar o homem

exterior. A natureza é um fluxo incessante de eventos causados por forças imensas que o indivíduo não controla. A maior parte desses eventos, o indivíduo só pode testemunhar. Numa pequena medida o indivíduo humano intervém na natureza e a modifica, mas a medida em que ele modifica a natureza é infinitesimal comparada a própria natureza. A maior parte da relação entre o homem e a natureza consiste no ato de testemunhar. Todos os grandes fenômenos da natureza o indivíduo só testemunha, como a imensidão do céu, a profundidade do oceano, a força das tempestades ou dos vulcões, o número das estrelas no céu. Esse testemunho da natureza causa dois tipos de reação no ser humano:

a) de admiração e atração, quer dizer, existem coisas que são belíssimas.

b) de terror ou temos, quer dizer, existem coisas que são terríveis.

Agora, observe a sua própria psique. Você vai ver que ela é também um fluxo incessante de eventos. O fluxo de pensamentos, sentimentos, desejos, vontades, imagens também é mais ou menos constante na mente. Nós, de vez em quando, seguramos o fluxo e damos uma determinada direção para ele, quando tentamos realizar qualquer tarefa, mas o processo natural da mente continua independente da

sua vontade. Não aparecem na sua mente só os pensamentos que você quer, os sentimentos que você quer, as imagens que você quer. As imagens, pensamentos e sentimentos surgem e desaparecem na mente como os fenômenos naturais.

Para uma percepção clara disso, basta se dedicar ao seguinte exercício: o sujeito senta em um lugar, se fecha em um quarto e vai só observar os pensamentos que surgem na minha mente sem seguir o fluxo, sem pular de um pensamento para o outro, sem me deixar levar por eles.

Este hábito de observar os pensamentos ou os fluxos dos fenômenos mentais sem segui-los é o homem interior. Ele é uma consciência que testemunha os fenômenos mentais do mesmo modo que o homem exterior testemunha os fenômenos da natureza.

Santo Antônio dizia que para a santificação, o elemento essencial é a disciplina interior. A disciplina interior consiste na capacidade de manter uma testemunha dos fenômenos mentais. Só uma testemunha dos fenômenos mentais pode reformar a alma.

Santo Antônio dizia que primeiro você tem que adquirir a disciplina do homem interior. Depois de adquiri-la, você vai começar a oferecer os fenômenos mentais no altar da inteligência. Ele fala que isso por si vai dar a paz espiritual necessária para você continuar no caminho espiritual. De vez em quando algo vai dar tal impressão de impureza espiritual que você vai ter que confessar, você vai ter que achar um homem interior externo e confessar.

Basicamente a idéia é que se você tem o hábito de ter uma testemunha interna dos pensamentos, ela naturalmente julgará os pensamentos e sentimentos. Quando ela os julga, ela pode oferecê-los para Deus, seja de forma positiva ou negativa, quer dizer, aqueles pensamentos que a testemunha julgar positivos, a mente vai oferecer como uma boa obra para Deus, e os outros ela vai oferecer como forma de penitência.

A melhor maneira de entender é tentar fazer esse exercício por três minutos.

Aluno: Mas o fato de observar não interfere?

Professor: Quando você observa evidentemente você interfere. A questão não é interferir. A questão é não se deixar levar pelo fluxo dos pensamentos.

Hoje em dia nós temos um exemplo, um símbolo desse processo que é muito claro. Você já viu quando você abre o Google para procurar uma coisa e você acaba procurando vinte e cinco? Vocês já notaram esse processo? Com a mente acontece a mesma coisa. A mente apresenta um pensamento, e daquele você mesmo puxa outro e outro. É esse seguir o fluxo que o sujeito tem que cortar. Não é que ele tem que cortar o tempo todo. É que ele tem que cortar cinco minutos por dia deliberadamente, para criar o hábito da testemunha interior.

Para criar esse hábito, Santo Antônio recomendava dois exercícios: você se senta e fica observando os pensamentos. Quando surge um pensamento, ou quando a mente se volta para alguma coisa, nomeie aquela coisa.

Aluno: Como nomear?

Professor: Por exemplo, agora mesmo eu notei o canto do pássaro. Aí eu nomeei mentalmente como "canto de pássaro". O nome trava o seu movimento em direção daquilo. Se você apenas olhar para aquele pensamento, ele vai puxar um outro, e um outro. Se você o nomeia, você para imediatamente a mente, você se separa do fluxo. Logo depois disso vai surgir um outro pensamento. A mente vai apresentar pensamentos sempre, assim como a natureza é uma seqüência de eventos contínua, e mais ainda a mente vai apresentar bons e maus pensamentos, assim como a natureza vai apresentar fenômenos que são atraentes e fenômenos que são aterrorizantes.

O segundo exercício que ele apresentava era o de controle da respiração, mas ele mesmo fala para só se dedicar a essa técnica muito tempo depois de já ter começado a praticar a técnica de nomear os pensamentos. Um dos efeitos colaterais da técnica de controle da respiração é que durante um determinado estágio do aprendizado dessa técnica vai acontecer que você só vai conseguir respirar se você quiser, quer dizer, você pode parar de respirar sem perceber, o que é muito perigoso.

Quando o sujeito desenvolve esse hábito da consciência que testemunha a própria mente, o que acontece no decorrer do tempo?

Acontece que essa testemunha permanece desperta mesmo quando o sujeito não está se dedicando ao exercício, mesmo quando ele está fazendo as outras coisas da vida. Então ele passa a ser como dois sujeitos: um que está participando das atividades da vida e outro que está só testemunhando aquelas mesmas atividades.

Enquanto você está participando da sua própria vida, você não pode modificar o rumo geral dela. Se você é uma parte do processo, você não pode mudar o processo, você é uma etapa dele e cada uma das nossas atividades é simplesmente uma etapa da nossa vida.

Se você tentar, ao fazer as coisas, se libertar dos vícios e fazer só o que é certo, você jamais vai conseguir. O que vai acontecer é que se você tiver uma testemunha independente, ela vai gradativamente diminuir as más ações, pelo simples fato de testemunhá-las.

Essa testemunha, quando ela já é habitual, quer dizer, quando ela já está presente na consciência do sujeito, ela vai oferecer os pensamentos a Deus. Nesse oferecer os pensamentos a Deus, vai acontecer que gradativamente essa testemunha se aproximará do próprio verbo, até que uma hora quem está testemunhando os pensamentos não é mais a consciência do sujeito, mas é o próprio verbo.

Aluno: A testemunha é um ser interior, é você mesmo.

Aluno: É a capacidade de observar.

Aluno: E essa capacidade é você mesmo.

Professor: Esse é um ponto em que há divergências. Os santos diziam que essa testemunha efetivamente não é nem você, nem o verbo. Você é uma pessoa humana, e você, num certo sentido, inclui essa testemunha, o fluxo de pensamentos, a mente na qual se dá esse fluxo de pensamentos, o seu corpo... Você é tudo isso. A testemunha não é exatamente você.

Aluno: Então ela é uma parte.

Professor: Também não é bem assim. Embora ela possa parecer como uma parte, essa testemunha não é uma parte de você, ela é o princípio essencial do seu ser. Ela é aquilo do qual tudo o que você é, é uma emanção.

Para entender exatamente a natureza dessa testemunha, nós temos que entender que o ser humano, por ser dotado de inteligência, a primeira coisa que ele intui numa percepção é o ser das coisas, é que as coisas são.

Por exemplo: ao perceber a mesa, eu percebo que a mesa é e que a mesa não é eu, e mais ainda, eu percebo que a mesa não é a experiência que eu tenho da mesa. Isso é intuído imediatamente ao perceber qualquer coisa. A mesa não é um fenômeno da minha mente individual.

Os animais não percebem isso, eles não têm a percepção do ser. Para os animais tudo é a experiência que eles tem das coisas.

Aluno: Os animais são kantianos.

Professor: Exatamente, os animais são kantianos, eles nunca conhecem as coisas em si.

Vocês já devem ter notado que os animais domésticos fazem uma festa quando você reaparece. É porque para ele aquela experiência se recriou. Quando você sumiu, você sumiu da existência, você inexistiu. Ele não tem a consciência de que existe um dono a parte do dono que ele percebe. Quando ele não percebe o dono, o dono não existe.

É por isso que os budistas dizem que no estado animal predomina a ilusão, o engano a cerca da natureza das coisas. Os animais vivem num sonho. O sonho só tem a realidade que é percebida do sonho, ele não tem nenhuma outra realidade além disso.

Essa consciência do ser, como é a primeira e mais imediata intuição da mente, ela passa despercebida pelo nosso contíguo mental. Uma vez que eu vi que tem uma mesa ali, eu não pergunto mais nada acerca do ser da mesa, eu não presto mais atenção no fato de eu saber que a mesa é algo. Eu passo a olhar apenas a quiddidade

da mesa e os seus ascendentes, quer dizer, é uma mesa, não é uma cadeira, e é uma mesa com os pés de metal e o tampo de vidro.

A intuição do ser é como um som constante que fica no pano de fundo. Você percebe quando começa aquele som, mas com o passar do tempo aquele som vira silêncio.

A consciência não possui uma natureza própria, ela não possui uma quiddidade. Isto de que a consciência é a forma mais primitiva não possui uma quiddidade, você não pode dizer que ela é isso ou aquilo. A consciência é tudo que ela percebe.

Isso é assim porque a nossa consciência é de tipo intelectual, quer dizer, a primeira coisa que a gente percebe é o ser. Se a consciência perceber Deus, ela é Deus.

Aluno: Isso é uma metáfora ou é real?

Professor: É real. Deus é espírito. O que significa isso? Significa que nada separa Ele de nada. A palavra espírito foi usada pela capacidade que o ar tem de penetrar nas menores frestas. Um espírito é algo que não está separado de nada no seu ser, não é uma questão de separação espacial.

Por exemplo: O ser desta cadeira, não pode estar separado do ser divino porque Deus é espírito. Então, Deus é Deus e esta cadeira. Deus é Deus e tudo o mais que existe.

Isso que a gente chama de consciência é a forma mais básica de um espírito em potência, de algo que pode ser espírito. Esse algo que pode ser espírito pode ser qualquer coisa, porque espírito pode ser qualquer coisa. Dizer que algo é espírito é dizer que neste algo não existe diferença entre pensar e ser. O que um espírito pensa, ele é. O que um espírito sabe, ele é.

Esse espírito, ou essa consciência, se torna Deus, se e quando ela percebe Deus. Veja bem, percebe não é estar cômico da existência de Deus, significa perceber, do mesmo jeito que eu estou percebendo essa mesa. Usando a comparação de Santo Antônio, perceber Deus como se percebe a dor de dente. Santo Antônio fala que criar o hábito do homem interior já é o suficiente, porque como o homem interior se mantém a parte do fluxo dos pensamentos, ele já não pode ser identificado com o fluxo dos pensamentos. O homem interior já é de natureza espiritual, e não psíquica.

O processo é simples. É no nosso corpo que a gente percebe a nossa psique, você não sente que a sua mente está no seu corpo? Do mesmo modo você vai ter que descobrir na sua mente o espírito.

Como você percebe isso?

Separando algo na sua mente, que observa a mente. Este algo já é espírito, mas em potência.

Aluno: Mas a natureza desse algo final não é uma convenção. Se fizer esse exercício resultara sempre em espírito e não em pensamento?

Professor: Resultará sempre em espírito. Sistemáticamente.

Aluno: Independe da vontade do agente?

Professor: A vontade do agente tem que ser a de manter uma testemunha independente do fluxo mental.

Aluno: Sim, mas não é possível forçar e manter isso apenas num pensamento, apenas em razão?

Professor: Não, é possível manter uma coisa bastante parecida com isso.

Para que você faça isso, e seja isso mesmo que você está fazendo, você tem que ter um propósito de ter uma testemunha da sua própria mente. É uma questão apenas de propósito.

Quando você faz o propósito de testemunhar o fluxo de pensamentos, existe um outro propósito que esta associado aí, que é o propósito de dirigir o fluxo corretamente. Então, o seu propósito não é ter uma testemunha, você esta usando a testemunha a serviço do guiar a sua vida.

Isso evidentemente é muito útil, mas não é a mesma coisa. É o que move a vontade, que gere a disciplina e permite que a gente escape de muitos erros. O

propósito desse exercício do homem interior não é evitar erros, é ter uma testemunha da sua vida. O homem interior não se volta para o exterior.

Aluno: Isso é no dia-a-dia, não na hora em que você está fazendo ações, mas na hora em que você está recluso.

Professor: Se o sujeito se dedica a esse exercício por cinco minutos de manhã, cinco minutos à tarde, de nomear os pensamentos e não seguir o fluxo. No decorrer do tempo, em geral para obter esse resultado demora mais ou menos um ano, essa testemunha que nomeia as coisas vai permanecer desperta mesmo quando o sujeito está fazendo outras coisas. A mente é algo muito fácil de ser moldada, se o sujeito cria essa testemunha, no decorrer do tempo, ela vai se expandir e ocupar todo o tempo. Segundo Santo Antônio chega um tempo em que até em sono profundo essa testemunha continua desperta. É a isso que se refere a escritura quando ela fala "eu durmo mas meu coração vela".

Aluno: E depois de um ano, quando já expandiu esse testemunho?

Professor: Quando o testemunho já é habitual, o sujeito começa a pacificar o fluxo mental. Isso ele faz por uma série de visualizações e observação da respiração. Isso associado a um outro exercício, que é um exercício de observar os eventos que são especialmente atraentes ou especialmente atemorizantes, vai gerar a impassibilidade no sujeito. Essa impassibilidade é que vai dar ao sujeito a possibilidade de moldar os atos dele.

Essa parte do que vai acontecer depois que o sujeito cria essa testemunha, é menos importante agora.

O importante é entender que o que a gente chama de consciência não é uma parte do nosso ser. Pelo contrário tudo o que a gente chama de nosso ser é uma parte dessa consciência. Essa capacidade de testemunhar os acontecimentos é eterna e tudo o mais em nós é efêmero.

Aluno: O pensamento é o que há de mais efêmero e essa testemunha é o que há de mais permanente.

Professor: Exatamente.

Vamos observar, por exemplo, quando a gente sai para comprar uma camisa. Você sai, entra nas lojas, olha as camisas e escolhe uma que você acha que realmente te agrada. No momento em que você percebe que aquilo te agrada, o que acontece?

Veja bem, se isso me agrada e está causando prazer em mim, o fato de ver isso, ou o fato de me imaginar vestindo isso, é porque existe algo no ser dessa camisa ou desse objeto qualquer que é, em alguma medida, um bem para mim. Pode ser mau sobre outros aspectos também, mas sob algum aspecto é um bem para mim. No momento em que a gente captou que algo na camisa ou em outro objeto qualquer é um bem para nós, a mente desviou a atenção do ser da camisa para o efeito da camisa na minha psique, do ser da camisa para a camisa enquanto experiência. Então, simplesmente eu vou comprar a camisa e usá-la, mas do momento em que a minha atenção se desviou da camisa como ser para a camisa como experiência, em relação à camisa, eu passei a viver no sonho, eu passei a viver num estado onírico. A camisa para mim é só a referência das experiências.

Você poderia, ao ter percebido que a camisa é agradável, ter se perguntado o que causa isso? O que é isso que está me deixando feliz? Em que consiste isso que está me deixando feliz?

A mente humana não consegue naturalmente manter a atenção no ser. Do ser, ela passa pelos atributos que são recebidos pela experiência do ser. Se o sujeito criou essa testemunha a parte dos fenômenos, essa testemunha, num segundo estágio vai se dedicar ao exercício de observar os fenômenos atraentes ou atemorizantes.

A pergunta exata é esta: Em que consiste o ser do que é atraente e em que consiste o ser do que é atemorizante?

Até que vai chegar uma ocasião em que a testemunha vai perceber o ser do que é atraente e o ser do que é terrível. Ao perceber isso, você vai perceber que o ser do que é atraente e o ser do que é horrível é espírito assim como a testemunha é espírito. Isso é muito difícil de descrever.

Essas duas coisas são espíritos porque existe uma dupla relação entre o homem e Deus. Por um lado existe uma afinidade entre essa consciência ou essa testemunha e Deus, porque essa testemunha não tem uma natureza própria, então ela pode ser plenamente espiritual, ela pode ser puro espírito. Por outro lado existe uma diferença entre a testemunha e Deus. Deus não é um espírito em potência, ele é um espírito em puro ato. As coisas terríveis são uma manifestação da diferença entre o homem e Deus, enquanto que as coisas atraentes são uma manifestação da semelhança ou afinidade entre o espírito humano e Deus.

Isso é o que acontece uma vez que a testemunha já é habitual ela vai se voltar para o objeto e responder a pergunta sobre o que consistem as coisas.

Lembra que nós falamos que sob um certo ponto de vista a mente está dentro do corpo e o espírito esta dentro da mente e tudo isso é o "eu". Quando o sujeito perceber em que consiste o ser das coisas atraentes e das coisas terríveis, ele vai perceber que este ser é interno à consciência. Ele vai descobrir que a consciência é como um plano de reflexão que separa dois níveis:

a) o nível das coisas fora dela

b) o nível das coisas dentro dela.

O ser daquilo que é a mesa está dentro da consciência. A mesa enquanto emanção do ser dela está fora da consciência, mas o princípio de ser da mesa está dentro da consciência. Não está separado.

Aluno: Parece um platonismo radical.

Professor: Veja bem, é e não é um platonismo radical. Num certo sentido, Platão intuiu essas coisas muito claramente.

Ao falar de coisas espirituais, você só pode falar por meio de símbolos.

Por exemplo: Falar que o espírito é o reino dos céus. Quando você está falando céu, você está falando de um símbolo. Céu significa literalmente um espaço fora da gente.

Ao captar essa realidade das coisas como internas a consciência, da raiz do ser como interno a consciência, Platão se expressou e formou a teoria das idéias. Existem dois mundos, o mundo das idéias e o mundo das coisas, e as idéias existem a parte das coisas.

Veja bem, a função do filósofo não é falar simbolicamente, não é a função do místico, e é por isso que ele [Platão] levou um puxão de orelha, não porque o sentido do que ele estava falando não era verdadeiro. Ele levou um puxão de orelha de Aristóteles e Aristóteles levou um puxão de orelha de São Tomás de Aquino.

Em Platão e Aristóteles, de novo, nós temos o problema da linguagem. Existia o problema da ambigüidade da palavra "ousia", que era substância ou essência. Entre os gregos, especialmente na academia e no liceu essa palavra significava simultaneamente essência e quididade, uma distinção que só foi levantada do tempo de São Tomas de Aquino. Quando Aristóteles fala que a forma das coisas ou as idéias não existem fora das coisas, ele está falando da quididade delas. Quando Platão fala que existe o mundo das idéias que é totalmente independente das coisas, ele está falando das essências. Na verdade eles estão falando de duas coisas diferentes que tinham o mesmo nome em grego naquela época.

Aluno: Nesse sentido a tese é bem platônica.

Professor: Sim, mas ela não é contrária a de Aristóteles se a gente faz essa distinção. A gente mesmo, ainda hoje, usa a essência no sentido ambíguo. Usa a essência ora para designar essência no sentido escolástico, ora para designar quididade. O próprio Aristóteles, no [livro] "De Anima", quando vai tentar explicar o que é inteligência, esbarra em um problema, porque ele fala que tudo o que ele descreveu sobre o que são as essências das coisas, a inteligência não tem uma essência. E o que ele queria dizer é que a inteligência não tem uma quididade, não tem uma natureza específica. Uma inteligência não é como uma mesa ou um cachorro. Ser mesa exclui ser cachorro. Ser inteligência não exclui ser nada.



É impossível você ter duas quididades diferentes, mas como a inteligência não possui uma quididade, ou seja, ela não tem uma essência e uma definição, ela pode ser toda e qualquer quididade que ela percebe.

O único jeito de o sujeito entender isso é perceber uma coisa assim. Aluno: É exatamente isso que está lá em Santo Antônio?

Professor: Exatamente. Todo o propósito da técnica está nisso. Ele fala que você tem que chegar nesse estágio, para deste estágio chegar a perceber Deus, porque o reino dos céus é perceber Deus com essa consciência. Quando a gente fala perceber, dá impressão que é perceber no sentido comum, como a gente percebe essa mesa, mas é perceber o ser em que consiste essa mesa e isso é completamente distinto. O ser em que consiste a mesa, o princípio essencial da mesa que constitui ela na realidade, não é externo ao espírito, não existe como uma coisa distinta do espírito.

## Parte II

Isso de despertar o homem interior é universal em todas as grandes tradições. Se você observar os tratados de sofismo, os de hinduísmo, os de budismo, todos eles vão descrever isso da mesma maneira. As tradições espirituais diferem bastante na descrição de como é o absoluto testemunhado por essa consciência, mas isso é algo que deriva da própria infinitude divina.

Uma das coisas que achei interessante nessa sequência de santos, é que o santo seguinte na sequência, quer dizer Santo Agostinho, São Francisco de Assis, Santa Teresa de Ávila e Santo Inácio de Loyola, cada um deles praticou esse mesmo método por vias completamente diferentes, reelaborou a mesma coisa e é interessante como eles descrevem como eles descobriram Deus.

Santo Agostinho ainda vive em uma época em que a consciência desses métodos no ambiente monástico era muito clara, então logo ele é educado nesses métodos. Já São Francisco nasce numa época muito tardia em que esses métodos são amplamente ignorados, e acaba redescobrendo esses métodos por ele mesmo. Depois de sua morte ele recebe dois nomes, dois títulos na igreja: um é o Segundo Antão, porque ele tem uma série de inspirações espirituais que são perfeitamente análogas as que Santo Antão teve, e o outro é "Outro Cristo" que só quando chegarmos na vida de São Francisco é que vamos explicar porque ele recebe esse segundo título.

O ponto importante aqui é percebermos com clareza que esse exercício de gerar uma testemunha não pode ter nenhum propósito além do simples surgimento da testemunha. O segundo fator, essa determinação de se dedicar ao nascimento dessa testemunha interna tem que ser permanente, o propósito tem que ser permanente. O exercício tem um tempo pré-determinado, após esse tempo o sujeito tem que se dedicar à vida.

Mas ele tem que ser permanente em que sentido?

O sujeito tem que estar determinado a manter esse propósito até o final da vida.

Santo Antão dizia que quem perseverar até o fim é que vence. É muito comum no sujeito que começa a se dedicar a esse exercício que a esse propósito se agreguem outros, e ele vai ter que limpar esses outros constantemente, especialmente quando o sujeito começa a ter experiências espirituais. Quando essa testemunha está mais ou menos desenvolvida é muito comum o sujeito receber uma série de graças contemplativas que são de tal modo superiores aos bens externos. É muito difícil depois de o sujeito receber uma, não fazer de um propósito receber a segunda. Mas na verdade essas graças são para a mente a mesma coisa que os bens externos são para o corpo, elas não são a essência, são só um acidente, algo que se acrescenta a vida espiritual. O que o sujeito deve procurar criar nele é justamente essa testemunha imparcial, uma parte dele que vai se separar do resto da vida, não no sentido de não ver o resto da vida, pelo contrário ela vai ver o tempo todo, mas sem se mover no mesmo fluxo da vida.

Sugiro que vocês façam esse exercício pelo menos a título de experiência, só pra perceber como é difícil se separar do fluxo da mente, parece uma coisa fácil, é uma coisa simples, mas não é fácil. O que vocês vão reparar é que no decorrer de três minutos, só vão lembrar de anotar quando vocês já estiverem no quarto ou quinto pensamentos em cadeia. Isso vai acontecer com muita frequência, aí vocês vão começar a perceber a natureza da mente, que a mente é exatamente como o mundo externo: um fluxo incessante de eventos, e que o fato da nossa consciência percorrer esse fluxo de eventos mentais é que impede que percebamos a realidade tal como ela é.

Não existe uma barreira essencial entre o homem e Deus, não é como entre os animais e Deus que existe uma barreira essencial. O animal não pode testemunhar as coisas assim. Esse é o único método eficaz para o sujeito se libertar de um duplo problema. Por um lado o sujeito precisa se livrar de um certo número de pecados, ele precisa estar com a consciência mais ou menos tranqüila, mais ainda, essa consciência precisa estar tranqüila com base numa verdade objetiva, ela não pode

estar tranqüila porque é uma consciência grosseira e não percebe. Por outro lado ninguém nunca vai se livrar de pecados totalmente, por isso ele precisa se livrar da ânsia de se livrar de todos os pecados, e isso só se obtém por meio dessa testemunha. Enquanto a consciência se deixa arrastar pelo fluxo dos eventos mentais ou o sujeito se identifica com o que há de ruim na mente dele, ou se identifica com o que há de bom, então ele está o tempo todo ou cedendo ou lutando.

A vida da consciência que percorre o fluxo dos eventos mentais é uma vida de conflito perpétuo, quando a consciência se mantém a parte deles, quando ela simplesmente testemunha os eventos e não os percorre, o que acontece?

Uma parte do sujeito que é essa mesma testemunha permanece inocente mesmo em qualquer pecado.

Aluno: O pecado faz parte da natureza.

Professor: Nem todo pecado faz parte da natureza, mas o pecado em geral faz parte da natureza.

Aluno: Nesse sentido que o sujeito não é culpado.

Professor: Exatamente, e na medida em que existe uma consciência que testemunha aquilo. Só nessa medida. A verdade é que é quase inevitável que a maior parte dos pecados graves desapareçam na medida em que essa consciência permanece a parte.

O adversário do homem trabalha a noite, naquilo que não é testemunhado pela luz da consciência. Enquanto a consciência é uma luz que fica a parte, que fica acima das coisas e as ilumina, as feras se afastam. O fato é que quando essa testemunha começa a perceber a realidade e o sujeito começa a rever as escrituras e começa a ver o que está escrito ali, aí a palavra fé para ele passa a ter um sentido diferente, fé passa a ser a fidelidade, manter-se fiel a aquilo que já é claro, aquilo que é evidente.

Mais do que isso não dá pra dizer sobre o Santo Antão. Pra dizer mais eu mesmo teria que ter muita experiência de coisas espirituais. Quanto menor é a nossa experiência nessas coisas mais difícil fica expressá-las, quanto maior e mais simbólicas são suas expressões, mais evidentes elas são quando você as fala. Mas o fato é que esse núcleo de consciência, isso que chamamos de consciência é só a expressão mais jovem, mais infantil do que é o espírito humano e que é um espírito mesmo, que tem uma natureza completamente distinta de tudo mais que constitui a individualidade, porque é o princípio dessa individualidade, é aquilo de onde procede o que realmente somos.

Santo Antão teve grande influência sobre toda vida monástica posterior. Embora ele tenha fundado alguns mosteiros, houveram muitas fundações independentes dele, mas todas essas fundações consideravam-no como o pai do monasticismo. Quando um sujeito fundava um mosteiro, ele geralmente tinha aprendido essas técnicas espirituais de alguém que tinha aprendido de alguém e 90% das pessoas tinham aprendido de Santo Antão, 90% dos monges tinham aprendido dele.

Uma coisa que se pode dizer de Santo Antão e que dificilmente pode-se dizer isso de qualquer santo depois dele é que naquele momento o cristianismo estava em Santo Antão, ele era uma síntese de todo esse negócio, e após essa ocasião na história não teve nenhum santo que se pode dizer isso. Todos os grandes santos posteriores pode-se encontrar um contemporâneo dele que está mais ou menos no mesmo pé e que alcançou aquilo de modo independente do outro. Santo Antão não, o cristianismo estava nele, ele quase que refunda o cristianismo, especialmente por que sintetizou todos os ensinamentos a cerca do método espiritual, como ele falou uma religião é um conjunto de símbolos para que a gente acerte uma realidade. Mas esse conjunto de símbolos, a força de persuasão que eles têm, e a força que eles tem para efetivamente conduzir o ser humano para o céu depende do fato de existirem pessoas para quem aquilo não sejam símbolos, depende da existência de pessoas que testemunhem a realidade daqueles símbolos, essa é a garantia da religião. Sem essa garantia a religião é quase que vã, inútil.

Por exemplo: É certo que tenha, se pegarmos as religiões mortas dos povos antigos, algum fundamento, alguma raiz numa tradição espiritual, mas em algum

momento elas não tinham mais nenhum representante vivo e a partir desse momentos os símbolos se tornam ineficazes.

Quando Santo Antão instituiu a vida monástica garantiu até hoje a presença de pessoas assim, até hoje em mosteiros existem pessoas que podem dizer: "eu ouvi", e a vida da religião é essas pessoas. É claro que podem dizer que foi Deus que prometeu que essa religião permaneceria, sim, mas como ele efetiva essa promessa?

Por meio dessas pessoas de geração em geração, por meio de um testemunho perpétuo da realidade divina.

Aluno: E nesses relatos do "eu ouvi", Deus foi enxergado com semblantes humanos?

Professor: Não, ele [Santo Antão] teve os dois tipos de visão. Você tem a visão intelectual e a visão imaginária, em que Deus aparece numa forma visível. Do Cristo, ele teve várias visões do tipo imaginário, mas a principal é a visão intelectual, é a visão da luz incriada que eu também não saberia descrever.

Aluno: Quando eu tive aquela experiência em 10/09/2001, eu tive um estado de consciência que mudou alterou-se completamente, me desligou do sofrimento, esqueci o sufocamento e a dor. O que mudou muito foi a estrutura da consciência, eu não falava, eu me comuniquei com blocos de conhecimento completo e recebi bloco de conhecimento completo.

Professor: Sem atividade mental.

É por isso que isso se chama conhecimento direto que não acontece por meio do psiquismo individual, por meio da psique, ele é inteligência captando realidade. Nosso conhecimento é reflexivo.

Por exemplo: Eu percebo que a mesa é. Se eu me pergunto o que é a mesa, qual é a tendência natural da mente?

A tendência natural da mente é observar, coletar e anotar as propriedades da mesa e comparar ela com propriedades de outras coisas pra concluir o que é mesa.

Por exemplo: Observar que a mesa tem quatro pés, mas a cadeira também tem quatro pés e cadeira não é mesa. Por esse processo eu chego a definição de mesa, por uma série de comparações, isso é conhecimento indireto. Mas todo esse processo de conhecimento indireto subentende um prévio conhecimento do que é mesa, porque pra eu entender o que é mesa eu não paro para olhar o sofá como se fosse mesa e confundo uma coisa com a outra, antes de fazer a definição eu já tenho o conhecimento, mas o que acontece?

Eu não sou cômico desse conhecimento, esse conhecimento não aparece na tela da minha mente, ele é um conteúdo interno da consciência não refletido na tela da mente.

Vamos pensar assim: imagine a consciência como um espelho, tem-se as coisas aqui e a imagem das coisas no espelho. Essa imagem das coisas no espelho são todas as nossas experiências mentais, tudo que percebemos o tempo todo são essas imagens das coisas. Nossa experiência das coisas é um monte de imagens mentais, mas essas imagens mentais existem porque do outro lado do espelho existem as coisas, por trás da minha consciência existem as coisas que se projetam na minha consciência e aparecem na minha mente. Para que as imagens sejam diferentes umas das outras é preciso que as coisas que estão na frente do espelho sejam diferentes uma das outras. Para que eu perceba essas diferenças entre a mesa, o sofá, uma pessoa e um cachorro é preciso que essas diferenças já estejam por trás da minha consciência, estejam na realidade. Resumindo, para que eu perceba uma diferença entre a mesa e o sofá é preciso existir uma diferença entre a mesa e o sofá. Isso que existe e está subentendido em qualquer experiência mental está por trás da consciência. A consciência humana é como que uma ponte entre o mundo psíquico e o físico e o mundo espiritual.

Aluno: A quantidade de vezes que Santo Antão teve de suportar demônios, não parava de acontecer isso...

Professor: É simples, começa a tentar observar a mente 5 minutos sem seguir um fluxo, começa a fazer isso e alguns meses depois você vai começar a ver o que

são esses demônios. Dificilmente na nossa vida eles vão se manifestar em forma física, como acontecia com Santo Antônio por uma série de fatores, fatores de ordem cósmica e fatores de ordem individual, mas você vai perceber o que são eles.

O mundo físico é um fluxo incessante de eventos causados por forças imensas, o fluxo do psiquismo é a mesma coisa, exatamente a mesma coisa.

Os eventos psíquicos e os eventos físicos podem ser de duas naturezas, podem ser positivos ou construtivos e destrutivos, do mesmo jeito que existem imensos fenômenos naturais que são maravilhosos existem imensos fenômenos naturais que são terríveis. Se a destruição ou a corrupção ou a distorção ou a perversão são fenômenos que ocorrem efetivamente, temos que dizer esses fenômenos possuem um princípio no ser, quer dizer, se algo apodrece é porque o processo de apodrecimento tem um princípio no ser, porque o processo de apodrecimento está acontecendo efetivamente. Esse princípio do princípio do ser na corrupção é o que chamamos de diabo, o demônio é o princípio de corrupção.

Porque existe o demônio?

Simples, porque existem as coisas, e as coisas não são Deus então elas tem que decair, do mesmo modo que elas surgem na existência elas tem que deixar a existência, se corromper, se dissolver e deixar de ser aquilo.

Por exemplo: você pega uma maçã. A macieira elaborou certos elementos e formou uma maçã. Uma vez que a maçã está formada ela vai se corromper e deixar de ser maçã. Ou nosso próprio corpo.

Se existe o processo de corrupção esse processo tem princípio no ser, esse princípio no ser não é mau, porque não é mau que a maçã apodreça. E não é mau que a gente envelheça, é simplesmente a natureza das coisas. Esse princípio só é mau em relação à uma coisa que pode não se corromper, para qual a não corrupção é possível.

Aluno: Para o espírito.

Professor: Para o espírito humano.

Aluno: E porque tantos eventos pro Santo Antônio?

Professor: Justamente porque para Santo Antônio, é uma questão de função providencial mesmo. Ele tinha que ser um resumo de todo o ensinamento espiritual. É muito fácil esquecer que o demônio existe, é muito fácil esquecer que existe uma força, um princípio imenso e incalculavelmente poderoso constantemente tentando nos desviar, que a relação entre nós e esse princípio é como a relação entre a maçã e as intempéries que a destroem, quer dizer, a maçã não tem a menor chance, é muito fácil esquecer isso. Depois que o sujeito tem experiência da vida espiritual ele começa a perceber com muita clareza que existe essa força, que é essa força que arrasta a consciência para o fluxo dos fenômenos.

Se você lembrar, na vida de Santo Antônio o demônio tinha sempre um único propósito que era desviá-lo dos exercícios espirituais aos quais ele se dedicava, e é por isso que o demônio apareceu de forma tão constante e tão presente para Santo Antônio, pelo papel de providência dele. Nós nem estaríamos aqui sendo cristãos se os demônios tivessem desviado Santo Antônio.

Que importância tem para a humanidade desviar o Gugu ou o Ricardo?

Pouca. Talvez afete as pessoas mais próximas, mas desviar Santo Antônio mudaria a história.

Embora o demônio seja imenso quando comparado a individualidade humana, quando comparado a raiz dessa individualidade no ser ele é nada. O demônio fez de tudo para desviar Santo Antônio e não vai fazer tanto assim para nos desviar.

Uma recomendação: Se alguém for se dedicar a esse exercício faça ele sempre no mesmo lugar.

Qualquer aventura ou busca espiritual subentende um equilíbrio mental firmemente estabelecido. É como quando fazemos duas coisas ao mesmo tempo, paramos uma, fazemos a outra mas a mente está na outra ainda. Só que essa aí vai ser uma testemunha que vai estar fazendo nada que não vai ter um interesse nas coisas.

Uma coisa que pode causar instabilidade mental é o sujeito tentar criar essa testemunha no processo de fazer, quer dizer: "agora eu tenho que trabalhar, mas vou tentar manter a testemunha", aí você vai ficar louco.

Faça esse exercício 5 minutos por dia em relação aos fenômenos mentais e o resto do dia você dedica às suas atividades normais.

[Nesse momento, os alunos fazem comentários sobre um texto da vida de Santo Antônio. A transcrição que segue refere-se à passagem 41 e 42 desse texto]

Quando observamos a vida dos monges do deserto vemos que eram pessoas de consciência excepcionalmente escrupulosa. O sujeito estava na cela dele e tinha um mau pensamento, ou aparecia na mente dele a imagem de uma mulher. Essa idéia neles era muito forte, a consciência moral deles era absurdamente escrupulosa, então o que Santo Antônio está falando aqui é o seguinte: "Não se preocupe, porque isso não vai te fazer cair, persevera no seu exercício, não tenha em um pensamento de pecado um obstáculo para isso, porque a natureza desses pensamentos e desses pecados é por ela mesmo fraca".

Aluno: Mas aí o satanás reconhece que é frágil perante Santo Antônio? Professor: Sim, o satanás não consegue mais ocultar isso dele mesmo. Santo Antônio além de ter desenvolvido a testemunha interior, chegou a identidade dessa testemunha com o próprio verbo, então quando satanás olha para Santo Antônio e fala com o Santo Antônio, é como se ele estivesse falando com Cristo, não tem como ele esconder que ele já foi vencido por aquele, e que ele é de fato impotente.

A nossa consciência moral é mais ou menos grosseira, então esse perigo é mais difícil de acontecer conosco, mas entre os monges daquela época até a Idade Média, geralmente as pessoas que se tornavam monges eram as pessoas de consciência mais escrupulosa. Eles tinham a consciência de que estavam pecando muito mais clara do que a gente e ninguém agüenta isso muito tempo. Uma hora o sujeito pensa que não foi feito para esse negócio de santidade, ele só peca. E Santo Antônio fala: "Não se preocupe, porque isso aí é mais fraco, persevera no seu exercício".